



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



UM ANIVERSÁRIO

Faria 96 anos no próximo dia 23 de Outubro.

Ainda que nem sempre assinalemos a data, há motivos que, pelo seu valor humano/espiritual e até como louvor a Deus Criador, nos empurram — a nós que beneficiámos ou beneficiamos da Paternidade de Pai Américo — a dar hoje um pouco mais de relevo ao aniversário.

Aproxima-se o centenário do nascimento: 1987. Alerta para todos — se o Senhor nos der vida até lá; *vita brevis que medimos por dias, por anos, enquanto a Outra é sempiterna*, face ao próprio Deus, que, aos olhos da nossa fé, Pai Américo goza em todo o esplendor, na glória dos eleitos — o Céu.

Outro motivo, não menos importante: revelar um excerto biográfico de Pai Américo até à sua ordenação no Seminário de Coimbra — como Padre da Rua — escrito pela pena fluente de seu irmão, Padre José Monteiro de Aguiar, missionário no Oriente, homem erudito que deixou vasta bibliografia, e publicado n.º GAIATO n.º 326, de 1 de Setembro de 1956.

São muitos os Leitores e Amigos que pedem dados biográficos de Pai Américo! Sobretudo jovens, enamorados da vida e Obra de um Homem de Deus que se despojou do efémero — faz agora, precisamente, 60 anos — para se entregar totalmente às almas, particularmente aos Pobres, às Crianças abandonadas.

A salutar inquietação dos jovens — que, obviamente, preferem mais a verdade do que a lenda — é também motivo desta lembrança que fará Luz no coração de muitos; e, para nós, filhos de Pai Américo, é, ainda, uma forma de matarmos saudades!

Júlio Mendes

Baptizado dia 4 de Novembro de 1887, na igreja paroquial do Salvador de Galegos, concelho de Penafiel, distrito e diocese do Porto, pelo Padre António da Rocha Reis, Abade da mesma freguesia. Nasceu

na dita freguesia pela uma hora da noite do dia 23 de Outubro de 1887; filho legítimo de Ramiro Monteiro de Aguiar, lavrador, natural desta mesma freguesia de Galegos, e de Teresa Ferreira

Rodrigues, lavradeira, natural da freguesia de Paço de Sousa, deste concelho de Penafiel, recebidos na freguesia de Paço de Sousa, paroquianos desta de Galegos e moradores no lugar do Bairro (1). Neto paterno de José Monteiro de Aguiar (2) e de Albina dos Santos (3), e materno de António Joaquim Ferreira (4) e de Lourença Rodrigues (5). Foi padrinho Joaquim da Rocha (6), negociante, e madrinha Maria Ferreira de Aguiar (7), solteira, filha família. Foi o oitavo filho de Ramiro e de Teresa.

Eis os nomes dos oito filhos por ordem da idade: José, padre, missionário na Índia inglesa e depois pároco de Paredes, Penafiel; Joaquim, lavrador na casa do Bairro, Galegos; Maria, casada em Irivo, na casa da Carreira; Jaime, empregado superior da Companhia da Zambézia, na África, e senhor da casa de Antelagar, Paço de Sousa; António, formado em medicina; Zeferino, negociante na metrópole e no Brasil; Américo, empregado no comércio em África, e finalmente sacerdote aos 42 anos de idade. Passou a infância no regaço afectuoso da Mãe, que por ser o último filho dum bando de oito e ser ele dotado dum espírito terno e caseiro, lhe dedicou sempre carinho especial, mesmo depois de o ver colocado na África. Ele não sabia



A cama onde foi criado o Pai Américo

viver sem a Mãe, nem a Mãe sem ele. Completavam a alegria um do outro. Aprendeu a doutrina cristã rapidamente, ensinada pela Rosa do Bento, e fez a primeira Comunhão na terra natal, procurando sempre conformar as suas acções com a doutrina que aprendeu. Os irmãos chamavam-lhe o «beato». Quando atingiu a idade escolar, foi aprender as primeiras letras e instrução primária com o mestre régio da freguesia, Joaquim da Silva Pinto, em Pereiras, onde então funcionava a Escola, manifestando inteligência e vontade de saber. Em Setembro de 1897 foi o Américo com o irmão António para o Colégio do Carmo, em Penafiel, como externos, entregues aos cuidados da sr.ª D. Umbelina de J. Henriques, senhora, como ninguém mais, capaz de os fazer andar direitos como fusos. Do António queria o Pai fazer alguma coisa pelas letras. «O Américo vai para o comércio, mas, se não for de todo refractário às letras, quero habilitá-lo com o curso comercial». Em Maio de 1898: «O António estuda muito e não perde tempo em brincados. Os professores elogiam-no. O Américo não é destituído, mas a folgareta tem mais encantos!...» Em Outubro de 1889 foram os dois, António e Américo, para o Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras. Aquele frequentava o 2.º ano do

curso dos Liceus; este, francês e português, e depois estudará inglês e alemão, para ir para Lourenço Marques. O Américo manifestou-se bom estudante, melhor do que o António. Pensou-se em dar-lhe uma carreira eclesiástica e ele mesmo mostrou firmes desejos de a seguir. Pedia à Mãe para ser Padre e esta escutava-o com vivo entusiasmo. Mas o Pai não concordava: «O quê?! Não tem feito para Padre. Cantar, dançar, viola, pandega... Comércio, comércio. Não tem vocação para Padre». Em Agosto de 1902, o Pai dizia: «Eis o que penso acerca do Américo: Não o acho com feito para Padre. Outra carreira pelas letras, é tarde para a seguir, porque só aos 28 anos de idade a teria concluída, não perdendo ano algum, o que não é de esperar... O rapaz tem energias e facultades de trabalho, aptidões variadas, e no comércio, se tiver juízo, aos 28 anos de idade pode ter, quando menos, meia subsistência ganha honradamente, sem sacrifício da bolsa dos irmãos. Bem basta o sacrifício pelo António que, se não for pelo caminho das letras, todos os outros lhe são desconhecidos e para ele intransitáveis». O Américo quis fazer exame no Seminário, mas o Pai não deixou. Fez exame no Liceu, para o comércio.

NOTA DA QUINZENA

Dizia, há dias, um diário — segundo afirmação da FAO — que há no Mundo 700 milhões de pessoas em «pobreza absoluta».

Que ideia fazemos nós, ocidentais, de pobreza absoluta? Nós que, todos os dias, arrotamos a comida e bebida?

Pobreza absoluta — igual a rosto da fome. Rosto sem alma... Tudo foi roubado.

Assisti um dia, em África, à distribuição de leite a um grupo de refugiados. Entre eles estava uma mãe esquelética com um bebé nos braços, tão magrinho que metia pena. O primeiro cuidado dum senhor Padre foi fazer um copo de

leite para o bebé. Ao dar-lho, a mãe arrebatou-lhe o copo das mãos e bebeu-o ela dum só trago. O grande rosto da fome tinha matado o sentimento maternal!

É fácil mandar uns barcos de ervilhas ressequidas e papas dum fabrico que nem sequer têm venda entre nós... quando os nossos supermercados continuam abarrotados de tudo o que nós gostamos. Vamos dar aos porcos esses e outros produtos, pois foram rejeitados pelos africanos.

Dar ao irmão do lado o que nós não queremos, é fácil e cómodo.

O importante seria nós ter-

mos coragem de comer um pouco menos para repartirmos com os que têm verdadeira fome. Não tanto pelo material e quantitativo... Isso seria uma grandiosa alavanca espiritual de solidariedade humana.

Graças a Deus e a grupos de cristãos do centro da Europa, chegam, também, a África, grandes remessas de leite, queijo e farinha. Eu próprio transportei muitas toneladas. Porém, quase perdido na vastidão dos planaltos, enquanto seguia com uma pobre camioneta, rufavam triunfantes os

Cont. na 4.ª pág.

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma Viúva muito jovem. Amenizamos o seu calvário — de muitas e variadas formas — até criar os filhos. Uma acção específica que vem de muito longe!

Tem quatro contos mensais dos nossos Leitores, já que a pensão de sobrevivência mal dá só para o pãozinho:

— Todos os dias compro um quilo de broa e dez pães: 67\$50! A vida está muito cara...!

Ela agarra-se ao que pode, seja em casa (confeções para uma fábrica de artigos de bebé), seja na lavoura ou, ainda, em serviços domésticos, nas horas em que os filhos estão na Escola.

Mantém um porte digno, entregue ao lar com verdadeiro amor de mãe.

Agora uma filha irá receber a Co-nhã solene:

— Quero fazer uma festinha pobre, que pobres já nós somos...!

Continua a falar da menina, do valor da cerimónia para a sua vida cristã, com enlevo e convicção. No entanto, gostaria que ela levasse um vestidinho branco, barato. O branco fica bem nestas alminhas...!

Quem poderia resistir à elevação, à dignidade, à convicção, aos conceitos desta Viúva!?

Contente, lá se foi para o seu ninho, vestida de dó. Poderia não respeitar as convenções...

O certo é que a menina, nesse dia grande para a sua alma, apesar de trajar um «vestidinho barato», ficará integrada no meio.

● A problemática das mães solteiras não escolhe regiões. Muitas são dos meios rurais.

Uma delas, arrumado o problema do abono de família — qual dança espinhosa, nestes casos específicos! — lamentase com amargura, pois não quer ser peso aos familiares, também em dificuldades.

— Eu lá vou dando uns diñhas p'ra poder fazer o caldinho. A gente ganha pouco, a vida está muito cara, q'os preços sobem todos os dias, Preciso duma ajudinha...

Se não resistimos aos ais daquela Viúva, como poderíamos resistir à dor desta Mãe solteira!? Exactamente para que refaça a sua vida, crie o menino — e não volte a cair em ilusões.

O internato das crianças — nas vistas largas de Pai Américo, assentes na evangelização dos Pobres — é um último recurso, só para casos verdadeiramente desesperados: os expostos ou abandonados. O filho deve estar junto da mãe e, para ela, será um anjo da guarda, uma defesa nas horas cruciais, já que os prostíbulos alargam asas de forma sofisticada — destruidora!

● O alerta é duma vicentina: — F. está muito mal dos brônquios. Traz um aparelho no bolso — para servir d'alívio nas horas más. Quase se não pode mexer!

E continua: — Vive sózinho, no limite da freguesia. É mesmo na fronteira. Em tempos, foi jornalista.

Adoeceu. Envelheceu. Agora, recebe a pensão da Casa do Povo, mas nem dá para comer, quanto mais para remédios!

Por fim, desabafa: — Acudam já, que o homem talvez dure pouco tempo...!

Dito e feito! Vamos suprir, na medida do possível, que o aumento do custo de vida tem sido mais pronunciado que o da mísera pensão de reforma do chamado «regime especial». Quanto às outras, idem. E os Pobres mais pobres — os doentes — são os que mais sofrem toda esta conjuntura!

PARTILHA — «Para pagamento da renda de casa» de uma Pobre, 750\$00. São de Rio Tinto. Fundão, a remessa habitual: 1.000\$00. Mais um donativo de Rio Tinto «para ajudar uma Pobre que tanto me sensibilizou, ao ler O GAIATO de 17 de Setembro». Assinante 6212, de Lisboa, põe as contas com O GAIATO em ordem «e o que sobejar será para a Conferência». Rua D. António Henriques, Braga, 500\$00. Assinante 9790, de Oliveira do Douro, muito constante — e sempre com mensagem:

«Junto uma pequena gota para a Conferência e, nesta hora difícil para o nosso País, ouso pedir uma oração ao Senhor da Messe para que as nossas almas despertem para o Bem e o procurem a todo o momento, qualquer que seja o preço a pagar, e que entre todos nós prevaleça sempre a Lei do Amor, a ajuda de irmão para irmão».

Agora, 7.850\$00 da Rua Júlio Dinis, Porto, «aproveitando para exprimir, uma vez mais, toda a minha gratidão pelo bem que O GAIATO nos traz». Assinante 16301, de Águas Santas, 1.500\$00. As presenças amigas de «uma portuense qualquer». Não esquece, inclusive, as datas mais festivas da Obra da Rua! No Espelho da Moda, 500\$00 de um anónimo. S. Gemil, Águas Santas, 100\$00 da assinante 1340. Dez vezes mais da assinante 13519. Mais 50\$00 de outro anónimo, entregues no Espelho da Moda. Três presenças da assinante 19177 — que não falha, também!

Maria do Rosário, d'algueres, manda carta que não resistimos a transcrever:

«Como o meu marido faria 76 anos no próximo dia 31, resolvi enviar esses 500\$00 que serão as flores que haveria de colocar na campa. Achei melhor assim e julgo que não fiz mal. Peço-vos uma Avé-Maria sufragando a sua alma».

Quando o amor dos esposos assenta na Fé, nada o destrói! Deus sela o amor para além da morte!

S. Mamede de Infesta, remanescente de contas em dia pela mão da assinante 26398. Rua D. Luís de Ataíde, Porto, idem. Uma carta cheia, da assinante 10978, em Algueirão, para dois casos referidos nesta coluna. Por fim, cheque de 1.000\$00, de Vila Nova de Foscoa, de boa Amiga que recebe O GAIATO há 36 anos. «Nunca deixei de o ler durante todos estes anos e não tenho palavras para dizer o que tem sido para mim» — disse.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

ESCOLAS — Principiou mais um ano lectivo. Aqui, em nossa Casa, os mais pequenos já começaram a Escola Primária e a Telescola.

Em Penafiel também já terão começado as aulas, na Escola Secundária, para os nossos estudantes nocturnos e diurnos.

Deus queira que os nossos estudantes tenham sorte. Os que passaram de ano oxalá tornem a fazer o mesmo, e os que reprovaram também consigam ultrapassar todas as dificuldades.

VISITANTES — Das numerosas pessoas que nos visitam, algumas convivem connosco a maior parte do dia. Agora foi um grupo de Guimarães. Cantaram na Capela, durante a Missa, e fomos alvos da amizade que nos dedicam.

FUTEBOL — Um grupo de trabalhadores da empresa ASA disputou um encontro de futebol com a nossa equipa. Vencemos por 6-3.

Como são trabalhadores de uma grande empresa gráfica, onde prestam serviço alguns rapazes nossos que receberam formação na nossa tipografia, visitaram-na com interesse e pediram os esclarecimentos que desejavam — como oficiais do mesmo ofício.

Obrigado a estes Amigos, pelos bons momentos que nos ofereceram.

POEMA — Tivemos a visita do sr. Harry, à nossa Aldeia de Paço de Sousa, e deixou um poema que nos dedicou:

«Quando Deus abriu os Seus olhos nasceu a luz.

Ele abriu os Seus olhos para te ver.

Porque tu és Seu filho tu és a luz da Luz.

Lembras-te...?»

VINDIMAS — Começaram as vindimas!

Muitos rapazes estão empenhados no trabalho, bastante contentes, pois o vinho faz parte das nossas refeições.

Está tudo a correr bem, graças a Deus, ainda que, supomos, a colheita, este ano, seja um pouco menor. Mas o vinho chegará para nós, porque sem ele as nossas refeições ficariam mais tristes.

José Carlos

Venda do Jornal no Norte do País

Agora, que já entrámos na venda de Inverno, como a gente diz, o tempo começa a escurecer muito cedo e temos de abreviar a distribuição

de O GAIATO pelos nossos Amigos, enquanto é dia, para chegarmos cedo a Casa e descansarmos.

Como é costume, vão entrando ao serviço novos vendedores que substituem outros, mais rodados é certo, mas cuja idade e ocupações já não permitem que distribuam O GAIATO. Ai estão os novos: «Rato», Faustino, «Pescador» e Benjamim.

O nosso Jornal continua a esgotar, em todo o sítio! Os nossos Amigos gostam de receber O GAIATO por nossas mãos.

A distribuição do Jornal teve sempre problemas. É uma forma de nos fazermos Homens — vencendo as tentações... Por isso mesmo, fugiu agora o Paulo Neves, um bom vendedor! Ficámos desgostosos, até mesmo os senhores a quem ele entregava o jornal, de quinze em quinze dias. Foi substituído pelo Faustino, que é fraco e não sabemos se frá aguentar.

O Paulo Virgílio foi assaltado, na quinzena anterior, por dois homens, vagabundos. Ficámos tristes. E, por isso, estamos a tentar fazer a distribuição de dia. Pedimos aos nossos Amigos que nos despachem, para darmos a volta até ao pôr do sol.

Um abraço de nós todos para todos os Amigos que nos recebem, sempre, com muito carinho, no Porto, em Braga, Espinho, Aveiro, Amarante e Póvoa de Varzim.

«Punk»

Tojal

FÉRIAS — É com imenso gosto que, mais uma vez, aproveito a oportunidade de informar o que se passa em nossa Comunidade. As férias já findaram. Dividimo-nos em 4 turnos, de 30 elementos cada, para gozar férias em nossa Casa da Praia de S. Julião da Ericeira. Lindas paisagens! O pôr do sol! Banhos de sol e a frescura das águas do mar, libertando-nos um pouco da rotina diária e

levando-nos até à beleza que nos oferece a beira-mar. Mas acabaram-se...

AGRICULTURA — O trabalho, em nossa Casa, não pode parar. Agora não há mãos a medir! Já começaram a lavrar os terrenos para as sementeiras. Os mais pequeninos apanham as primeiras azeitonas. As figueiras criam-nos «água na boca» com os doces figos que nos oferecem. As laranjeiras estão em grau inferior ao do ano transacto, assim como as videiras; mas, em compensação, temos grandes e bonitas abóboras, feijão verde, e do tomate fazemos doce, pois este ano não fazemos calda de tomate porque não-la ofereceram, enlatada.

PECUÁRIA — As vacas já estão instaladas na nova vacaria. A produção de leite é superior. Apesar dos gastos efectuados, valeu a pena. Além de maior limpeza temos uma economia de rações, feno, erva e um aproveitamento mais racional do estrume. Os suínos, de momento, são poucos; mas estamos à espera dos «bebés em próximas ninhadas...» Oxalá venham são e tão fortes como os pais. Com a função que o tempo exerce sobre todas as coisas, e a multiplicação destas mesmas coisas, temos como exemplo, em nossa Casa, um casal de gansos: deram, agora, mais nove gansinhos!

AULAS — O novo ano lectivo está à porta. Haverá mudanças, quer de ciclo quer de cursos. Este ano esperamos iniciar uma nova experiência com cursos por correspondência. Com a esperança de êxito vai a nossa recomendação de que o aproveitamento comece no primeiro dia de aulas. Boa sorte.

OBRAS — A nossa câmara frigorífica já funciona à experiência. Faltam ainda as prateleiras para arrumarmos os produtos. Os pedreiros estão, agora, a construir um anexo na casa-mãe. As obras do nosso pavilhão polivalente, por enquanto, estão paradas.

José Manuel

RETALHOS DE VIDA

«GORDO»



Sou o Paulo José Vilela Teixeira. Tenho por alcunha «Gordo». Nasci no Estoril a 30/4/68.

Vim para a Casa do Gaiato do Tojal em 2/1/78 com 9 anos. Sinto-me muito feliz por me encontrar aqui, onde comecei a ser um homem. Dos 9 aos 11 anos fui do grupo dos «Batatinhas». Aos 11 fui para o refeitório.

Tenho um irmão mais novo, de 10 anos, chamado Abel. Minha mãe trabalha para sustentar o meu irmão. Meu pai perdi-o, tinha eu 3-4 anos.

Um grande abraço para todos os leitores do

Paulo Teixeira («Gordo»)

Um aniversário

Cont. da 1.ª pág.

Em Outubro de 1902, já estava colocado no Porto, numa loja de ferragens (8), Rua de Mouzinho da Silveira, 110-112. «Estou muito bem, os patrões são muito meus amigos. Passo muito bem. Não estou arrependido pela escolha que fiz, e mesmo quando o Pai me falou, já tinha a casa arranjada e tudo pronto.» Era gente boa e piedosa; não se perdiam as devoções da Igreja! Ajudava às Missas e confessava-se muitas vezes, na Igreja do Seminário, à Sé. Viviam num ambiente de piedade que lhe aguçava o desejo de ser Padre. Em Setembro de 1905, matriculou-se no Instituto Comercial e Industrial do Porto, sem deixar o serviço da casa onde trabalhava. Começou, então, a sofrer de reumatismo que lhe passou com a mudança para África. Em Novembro de 1906, foi para África, para ser colocado no comércio pelo irmão Jaime que desde Maio de 1898 estava na África. Embarcou em Lisboa no «Prinz Regent», no dia 19 de Novembro de 1906, e dia 24 de Dezembro do mesmo ano, chegou ao Chinde, às 3 h da tarde. Visitou Tânger e Marselha. Dedicou-se ao estudo do inglês. Em Julho de 1907, estava colocado numa importante companhia inglesa, no Chinde, The British Central Africa C.º L., que serviu bastantes anos. Gostava muito da socie-

dade com os ingleses e da terra, por ser saudável. Inspeccionado em Quelimane, dia 19 de Agosto de 1907, foi isento do serviço militar pelos números 7, 13 e 67 da tabela. Préviamente, em 10 de Julho de 1907, tinha requerido certidão do Registo Criminal, que lhe foi passada na mesma data: «Nada consta contra Américo Monteiro de Aguiar, empregado comercial, residente no Chinde». Em 7 de Abril de 1912, embarcou na Beira para Portugal, em gozo de férias, via Canal de Suez. Chegou a Lisboa em princípios de Maio, e em Novembro de 1912 já estava no Chinde. Em 1917 voltou a Portugal. Foi à Guarda com o Pai visitar o irmão António que estava no Sanatório. Regressou ao Chinde, para a mesma casa inglesa. Em 7 de Maio de 1921 estava em Lourenço Marques na casa alemã Breyner & Wirth. Em 1922 estava de novo em Portugal. Tirou-se então o grupo fotográfico na casa do Ramos. Voltou a África, Lourenço Marques. Em 1923 estava de regresso e em Outubro desse ano entrou no convento franciscano de Vilariño de Ramallosa, Tuy. Por particulares disposições de espírito, suscitadas por correspondência aturada com o Prelado de Moçambique, D. Rafael da Assunção, actual Bispo de Limira, resolveu abandonar a vida que levava, e em Outubro de 1923

entrou no noviciado, no convento de Santo António de Vilariño, Tuy, onde esteve como postulante nove meses, estudando ciências e latim. Depois tomou o hábito e foi noviciado durante um ano, continuando durante esse tempo os estudos de latim. Tinham passado vinte e um meses, após a entrada no convento, quando, em reunião de Capítulo, a votação lhe foi desfavorável. Chamado pelo Guardiã, este pediu-lhe para desistir, alegando que «não assimilava a vida monástica por ser muito impressionista».

Em Julho de 1925 chegou a casa desfalecido, desorientado com tal decisão imposta pelo Guardiã. Insistindo pela vida eclesiástica, pediu-se ao Bispo do Porto, D. António Barbosa

Leão, a admissão do Américo no Seminário diocesano. «É veleidade. Não o admito. Tenho tido desgostos e desgostos em casos semelhantes. Poupe-me esse desgosto». Falou-se ao senhor Bispo de Coimbra, D. Manuel Luiz Coelho da Silva: «Que venha. Vamos a ver o que sai». Safu o que safu. Mais tarde, falando-me o Bispo do Porto sobre o Américo, disse-me «que estava arrependido pelo não ter admitido, que tinha dele magníficas informações pelo colega de Coimbra, que este o considerava como bênção para a sua diocese». E, como desabafo íntimo: «Ou cá ou lá, serve a Igreja; enfim, presta serviços a Deus».

Padre José Monteiro de Aguiar

(1) Há nesta freguesia dois lugares do Bairro. Bairro de Cimo e Bairro de Baixo. O Bairro de Cima é conhecido vulgarmente pelo nome de Loureiro, devido ao apelido do dono do principal casal do lugar, os Loureiros, o Loureiro. O Bairro de Baixo, onde nasceu o Padre Américo, é constituído por um só casal, a casa do Bairro, dos Aguiares.

(2) Senhor da casa do Bairro. Morreu novo, em 18 de Maio de 1853.

(3) Da casa de Rabilhas, Ordins, freguesia de Lagares. Morreu nova, do parto de Ramiro, em Julho de 1848.

(4) Senhor da casa de Antelagar, freguesia de Paço de Sousa.

(5) Oriunda da casa de Vales, Cadeade, freguesia de Paço de Sousa.

(6) Segundo tio por afinidade do neo-baptizado, casado com Matilde de Aguiar, e morador no lugar do Outeiro, freguesia de Galegos.

(7) Irmão do neo-baptizado e moradora na casa do Bairro.

(8) Era neste estabelecimento que o Professor do Seminário da Sé, Dr. Manuel Luiz Coelho da Silva, esperava a chegada do carro eléctrico, para seguir para a Foz, onde morava.

Encontro espiritual

Doze casais da Obra da Rua, provenientes de várias Casas do Gaiato (Paço de Sousa, Miranda do Corvo, Santo António do Tojal e Setúbal), estiveram reunidos, voluntariamente, em Fátima, de 14 a 18 de Setembro, para reflectir, orar e tomar novo alento na sua caminhada, na sua fidelidade à vocação conjugal e de serviço.

O triplice objectivo cremos ter sido atingido, em três dias de reflexão pessoal e colectiva (por vezes partilhada), oração constante a nível individual, de casal, de grupo e até de multidão — sempre que descíamos à capelinha das Aparições, juntando-nos aos peregrinos, nacionais e estrangeiros, que dirigem à Virgem louvores e preces, nas mais variadas línguas. A visível universalidade da Igreja!

Eis os temas centrais do Retiro: «Eu e Deus», Nós (casal) e «Deus», «Nós e os Outros».

Nota curiosa: Um dos casais presentes festejou vinte anos de matrimónio! Alegria partilhada por todos. Mais ainda: No encerramento houve o encontro anual de ex-gaiatos de África, sobretudo de Malanje, com esposas e filhos,

numa manifestação de unidade da Família da Obra da Rua. Reflectimos, também, sobre esta e outras realidades à Luz do Espírito Santo, avivando e aprofundando mais a nossa fé nos desígnios que Deus tem para cada um de nós — e para a Obra da Rua.

Marcaram presença em nossas intenções — com Pai Américo obviamente à cabeça — toda a família da Obra da Rua, de dentro (Padres, Senhoras, Doentes e Rapazes) e de fora (os nossos milhares de Amigos).

Esperamos que o encontro espiritual dê frutos a seu tempo: a nível individual, de casal, de Obra e de Igreja.

Por fim, o nosso reconhecimento aos sacerdotes que, cheios de boa vontade, procuraram dar pistas e orientações para a nossa meditação. Bem hajam por nos ajudarem a fazer crescer um pouco mais a nossa espiritualidade nestes momentos de reflexão, na triplice dimensão: pessoal, conjugal e com Deus (directamente e através dos irmãos).

Carlos Manuel Trindade

Adopção

No breve apontamento sob esta epígrafe publicado há quinze dias, cingimo-nos a generalidades sob o instituto da **adopção**; e a este nível prosseguiremos hoje (que especialidade jurídica não é conosco!) na intenção de divulgar um pouco mais um caminho capaz de conduzir tantas crianças abandonadas ou desprotegidas a uma situação de estabilidade afectiva propícia ao seu crescimento e formação saudáveis, integrando-as numa família que as deseja por motivos legítimos de uma realização própria mais perfeita.

Há duas modalidades de **adopção**: **plena** e **restrita**.

Esta, como o qualificativo indica, tem efeitos bastante limitados, pois fica coexistindo a filiação natural (seus direitos e deveres) com a filiação adoptiva, pelo que o adop-

tado não adquire a situação de filho do adoptante nem se integra, com os seus descendentes, na família dele. Esta modalidade de **adopção** perdeu praticamente o seu interesse com a facilitação da **adopção plena** trazida pela Reforma de 1977.

A **adopção plena** torna o adoptado verdadeiro filho do adoptante, extinguindo as suas relações familiares com os seus ascendentes ou colaterais segundo o sangue, inclusivé o nome de família. O adoptado fica a ser neto dos pais do adoptante, sobrinho dos seus irmãos..., com todos os direitos de um filho para efeitos sucessórios, alimentares, de poder paternal, de impedimentos matrimoniais, etc. Por isso a **adopção plena** é irrevogável, mesmo por acordo entre o adoptante e o adoptado. E a sentença que a decretou, só pode ser revista em condições excepcionais; e nem será concedida a revisão se os interesses do adoptado puderem ser consideravelmente afectados por ela.

— Quem pode adoptar assim?

— Um casal cujo casamento dure há mais de 5 anos e de idades entre os 25 e os 60 anos. Uma pessoa singular com o mínimo de 35 anos, excepto se adoptar filho do seu cônjuge, caso em que o limite mínimo de idade desce para os 25 anos.

A capacidade do adoptante está submetida aos princípios gerais do Direito.

— Quem pode ser adoptado plenamente?

— Os filhos do cônjuge do adoptante. Os filhos de pais incógnitos ou falecidos. Os menores judicialmente declara-



Parece que o legislador dá muita força ao estado de abandono, o que, na prática, supomos não acontecer.

dos **abandonados**; e aqueles que, há mais de um ano, residam com o adoptante e estejam a cargo deste.

O limite máximo de idade do adoptando é, em princípio, os 14 anos.

— Quem tem de prestar consentimento (expresso e inequívoco quanto à **adopção plena**)?

— Naturalmente, o adoptante. E o próprio adoptando se for maior de 14 anos. E o cón-

Cont. na 4.ª pág.

Livro «OBRA DA RUA»

3.ª edição actualizada

Trata-se do relatório de uma vida inteiramente devotada ao Pequenino de palhas infelizes, herdeiro forçado da miséria social com suas muitas e variadas constelações.

— PAI AMÉRICO

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel

PARTILHANDO

● Era uma mulher ainda muito nova, acompanhada de uma filha pequena, e trazia um cartão de recomendação do seu pároco, nosso vizinho. Veio falar da situação de seu marido — desempregado — e da sua vida familiar — em dificuldades. Falou, falou e disse coisas importantes:

O marido é um operário qualificado e foi condenado ao desemprego! A empresa onde trabalhava não pagava os salários e sabe-se lá se vai falir. Do Fundo de Desemprego recebe um pequeno remedeio. Três pontos sérios do mundo do trabalho.

O desemprego começa a atingir até os quadros qualificados! Há empresas a falir e não se sabe a explicação. O subsídio de Desemprego para uns é uma necessidade, para outros oportunidade...

Reflexão: Todo o trabalhador deve ser merecedor do ordenado pelo trabalho que realiza. Assim, ganha todos os seus direitos — do trabalho, até à greve... Esta não deve ser uma arma apontada ao seu futuro. Aqui e acolá, é! As empresas em falência são o fumo de todo um processo que revela pobreza material e espiritual a todos os níveis — para todos!

Um triste sinal dos tempos!

● Logo de manhã estava à nossa espera no meio do borbórinho dos corredores da cozinha, após a refeição, uma mulher vestida de preto. Os seus cinco filhos, dos seis aos catorze anos, tinham ficado em casa, sózinhos. E veio dizer que a pensão de três mil e poucos escudos por mês, por morte de seu marido, não chega para o pão dos filhos. E não! Nem tem o abono de família — disse — porque o pai trabalhava por conta própria. Disse mais, ainda: — **Quero os meus filhos comigo; não os quis internar. O Povo é que me tem ajudado, mas também se cansa de dar...**

Esta mulher precisa dos filhos à sua beira. É mãe! O amor maternal, mesmo vestido com as cores negras da solidão e da pobreza, tem aqui um exemplo de como a Natureza e o Espírito vivem em comunhão. Os filhos devem estar com a mãe. Ela os dá, ela os recebe — com as dores mais profundas da vida; com a alegria de os sentir muito seus, a seu lado.

O Povo ajuda. Os Pobres também. Assim esta mãe não se cansa de ajudar os filhos a crescer!...

● Um dia, após um tribunal dos muitos que o «Cebolinha»

requere — pelas suas avarias — vi o Bento sentado à mesa a conversar amigavelmente com ele, depois de todos já terem saído. Só os refeiteiros entravam e saíam, ligeiros, com pratos e tigelas a caminho da copa.

Fiquei cheio de curiosidade pelo tema da conversa! Bento, com 12 anos — um comportamento exemplar! Amigo de todos! Até do «Cebolinha»... Este é um dos casos mais difíceis que temos hoje em Casa. Chamo o Bento, a sós, e pergunto que conversa era aquela, assim tão íntima. Sem hesitar responde: — **Estive a dar-lhe uns conselhos!**

Eu já calculava, mas quis ouvir daquela boca inocente, a palavra da verdade. Conselhos!

Mais novo que o «Cebolinha», mais puro do que eu, ele é um companheiro amigo. A sós, quase em segredo, quanto Bem o Bento faz aos seus amigos «Cebolinhas»! Nós nada sabemos... Só Deus, ele e eles sabem. Isto é a caridade fraterna. As maravilhas e as fraquezas da nossa vida sentadas à mesma mesa! E todos comem do mesmo pão...

Padre Moura

NOTA DA QUINZENA

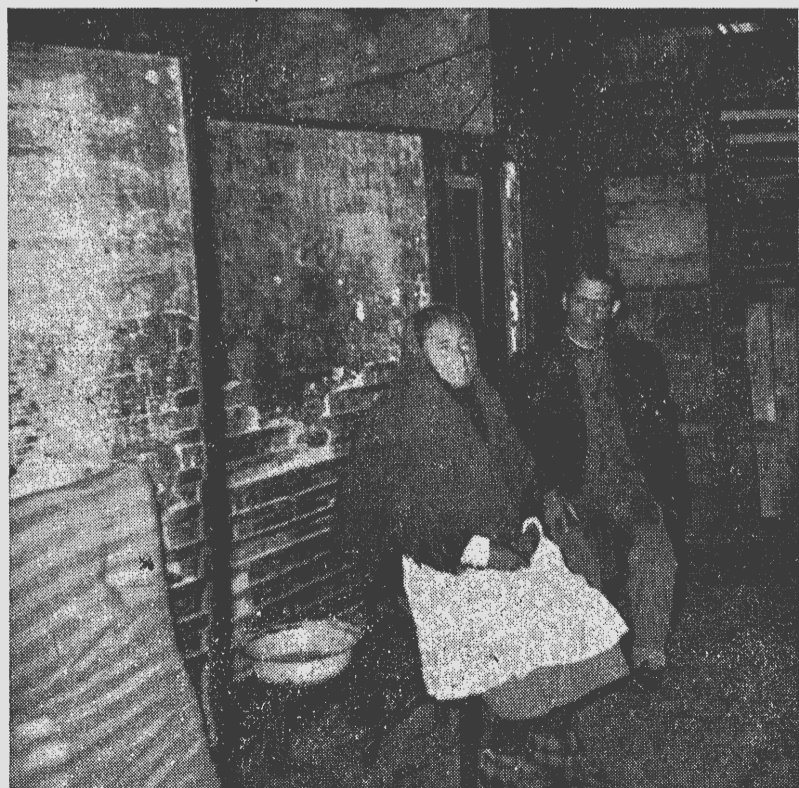
Cont. da 1.ª pág.

comboios, às vezes juntinhos e paralelos à estrada, carregados de armas.

Armas!!!

É preciso tê-las visto e senti-las disparar entre grupos da mesma terra e da mesma cor!

As grandes nações (amigas dos povos!) mandam armas



Dar ao irmão do lado o que nós não queremos, é fácil e cómodo. O importante seria nós termos a coragem de comer um pouco menos para reparti-mos com os que têm verdadeira fome...

com ecos doirados de lindos discursos. E os irmãos de raça acreditam e matam-se uns aos outros, enquanto... eles tiram o petróleo, os diamantes e o cobalto e até os peixinhos do mar.

Acreditamos nas afirmações da FAO, mas gostaríamos que fosse mais frontal e clara no dizer... aos senhores do Mundo.

● O grande povo africano, simples e bom, tem desejos de paz e duma palavra amiga. Não esqueço uma cena de ternura com que um velhinho africano nos presenteou ao ouvir uma saudação amiga que um meu amigo lhe dirigiu na sua língua. A cena foi tão comovente que os três chorámos.

Outro dia, fui levar outro velhinho à sua sanzala. Quando chegámos, ele me sorriu com gratidão e pediu para esperar. Vi-o entrar na sua cubata e depois sair com as duas mãos em gesto de oração a oferecer-me um ovo. Aceitei-o, religiosamente; se o não fizesse, dar-lhe-ia um grande desgosto. Bateu palmas como em fim de liturgia. Parti comovido e deslumbrado pela grandeza do seu gesto belo e simples! Mais belo e maior que as grandes coisas... Sem dúvida, um verdadeiro sinal de paz e de concórdia.

Nunca os grupos armados são a verdadeira face dum povo.

Os sentimentos de justiça e a sede de paz são tesouros escondidos em seus corações pacíficos.

Padre Telmo

ADOÇÃO

Cont. da 3.ª pág.

adopção plena) a família natural. Se a situação da criança, à partida, é tal que há lugar para declaração do estado de abandono, nem sequer é requerida para a sentença que constitui a adopção, o consentimento dos pais, podendo mesmo o adoptante opor-se a que a sua identidade seja revelada aos pais do menor.

Parece, pois, que o legislador dá muita força ao estado de abandono, o que, na prática, julgo não acontecer. O meu pensamento alarga-se, para além do instituto da adopção, àquelas Instituições dispostas a assumir os seus pupilos como seus, pupilos que receberam em situação real de abandono (mesmo que não declarada judicialmente) e acerca dos quais não adquire qualquer direito de paternidade, ficando os menores sujeitos à sabotagem de qualquer familiar, a quem, em dado momento, interessa o menor como valor económico a explorar.

Por isso, repetimos, a lei da adopção será boa ou má conforme a aplicação que a jurisprudência dela fizer. É de esperar, neste domínio, uma intervenção esclarecida e activa do Juiz a quem cabe dar a sentença que constitui a adopção.

Queriam leis fortes a prevenir este crescimento clamoroso. E, naqueles males que sempre passariam as malhas de uma prevenção a sério, poderem defender os interesses das suas crianças e adolescentes da cupidez de uns restos de família que, quantas vezes, vão cortar ao menor um rumo de vida em que ele estava iniciado, rumo a apontar para uma meta razoável; e sem qualquer vantagem afectiva, porque, então, já nem é tempo de se estabelecerem ou firmarem laços que deveriam vir desde a primeira infância.

Queriam reflectir, agora, um pouco sobre um princípio que me parece subjacente a esta legislação e que deveria enformar de um espírito novo toda a Legislação respeitante a Menores: É a prevalência dos direitos de criação sobre os direitos de geração.

É aqui que nos confrontamos com um certo fariseísmo da nossa Legislação de Menores, sem termos visto qualquer progresso, ao longo de tantos anos nem vislumbrarmos quando ele chegará.

Padre Carlos

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa